

O ano de 1917 foi um período muito agitado da vida nacional. O operariado brasileiro, especialmente no setor industrial, estava insatisfeito e manifestava o seu descontentamento pugnano por maiores salários e melhores condições de vida. As greves sucediam-se em vários pontos do país, às vezes com violência, depredações e saques.

Itajubá também foi agitada por uma greve, em princípios de agosto de 1917, iniciada pelo operariado da fábrica de Tecidos Codorna, com a adesão de seus colegas da Fábrica de Chapéus e de outros estabelecimentos industriais da cidade.

Apesar da paralisação dos trabalhos e da agitação das ruas, a greve itajubense foi solucionada em pouco tempo, com ordem e pacificamente, graças à boa vontade e compreensão de todos, empregadores e empregados, que assinaram logo um acordo, no qual as duas partes aceitavam mutuamente condições honrosas, capazes de pôr fim ao movimento grevista.

Até o Instituto Eletrotécnico de Itajubá teve também a sua greve, iniciada pelos alunos do 3º ano, com a adesão dos colegas do 1º e 2º anos, todos frequentando o ano letivo de 1917.

O causador dessa greve foi o Dr. Arthur Tolbecq, professor de Eletricidade do Instituto. Ele era competente, tanto nas aulas teóricas como nas oficinas, mas não fazia se entender pelos alunos.

Nossa turma, a primeira a desbravar os caminhos pedregosos dos primeiros tempos do Instituto, também foi sacrificada por aquele professor. Às vezes, quando tentava expor-nos um assunto, perdia-se em divagações sobre pontos avançados do programa; e se os alunos reclamavam, dizendo que nada estavam compreendendo, ele terminava a exposição incompreensível para dizer que estava apenas "lançando ideias..."

Para acompanhar o curso de Eletricidade tivemos que adquirir livros e queimar as pestanas, estudando sozinhos a matéria que não conseguíamos aprender em aula.

O enrolamento de máquinas elétricas foi assunto que o Prof. Tolbecq nunca conseguiu meter na cabeça dos alunos...

Eu não fui dos piores alunos do Instituto, obtendo até, ao final do curso, uma bolsa de estudos na América do Norte. Apesar disso, de todos os meus esforços para desvendar o "mistério" do enrolamento das máquinas elétricas, "conquistei" uma nota zero, a única em todo o meu curso, dada pelo Prof. Tolbecq. Quando ele, ao entregar a minha sabatina escrita, anunciou, em voz alta, a nota que havia me dado, o escândalo foi geral: os colegas não acreditavam no que acabavam de ouvir, pensando que teria havido um engano ou injustiça do professor... Nada disso houve: a nota estava certa e era justa, mas a culpa do ocorrido não cabia ao aluno e sim ao professor, que não tinha sabido ensinar a matéria à classe...

Desgostosos com os processos de ensino desse professor, os alunos do 3º ano (1917) solicitaram à diretoria que desse substituto àquele professor. Não o conseguindo, pediram à diretoria que lhes facultasse a licença de frequentar regularmente todos as aulas do 3º ano, exceto a de Eletricidade; e que em 2ª época pudessem eles ser admitidos ao exame de eletricidade, que seria prestado desde que o Prof. Tolbecq não fizesse parte da banca examinadora.

Não sendo ainda atendidos e consideran-

A GREVE NO INSTITUTO EM 1917

do-se incompatíveis com aquele professor, resolveram todos os alunos do 3º ano declarar-se em greve e abandonar o Eletrotécnico.

Espontaneamente, por um gesto de coleguismo, os dois primeiros anos decidiram acompanhar seus colegas do 3º ano e abandonar também a Escola.

Quando todos os alunos se declararam em greve, abandonando o Instituto, nós, da primeira turma, já havíamos terminado o curso com a prestação dos exames finais de 1916. Entretanto, estávamos ainda frequentando o Instituto para ultimar vários projetos, dos quais dependia a nossa formatura, já marcada para 16 de julho de 1917.

Trabalhávamos, pois, na elaboração desses projetos, quando fomos surpreendidos com um convite para uma reunião, convocada pelos nossos colegas do 3º ano, iniciadores da greve.

Essa reunião foi realizada na Rua Cel. Francisco Braz no. 391, onde residiam numa espécie de república.

Falou em nome de todos os grevistas, expondo os fins da reunião, o colega Flavio de Faro. Depois de justificar longamente o movimento grevista pediu o apoio e solidariedade da nossa turma.



Turma de 1917
José Ernani de Lima é o terceiro em pé,
da direita para a esquerda.

Iniciei o debate expondo minha opinião pessoal. Achava eu que a greve era justa; nossa turma também tinha sido sacrificada pelos processos de ensino do Prof. Tolbecq. Cunpria, porém, não esquecer que estávamos ainda frequentando o Instituto e que dependíamos daquele professor, perante o qual deveríamos prestar exames práticos, de oficinas, antes da nossa formatura.

Nossa situação era, por isso, muito delicada, e qualquer atitude hostil ou ostensiva de nossa parte poderia ocasionar complicações e até sacrificar a nossa turma.

Outros colegas, de ambos os lados, expuseram também as suas opiniões, sendo afinal vencedora uma proposta conciliatória, segundo a qual a nossa turma, em caráter reservado, daria apoio moral ao movimento grevista, sem interferir diretamente no desdobrar futuro dos acontecimentos. Nesses termos foi redigido um memorial, em seguida assinado por todos os alunos da nossa turma presentes à reunião.

Tudo parecia correr normalmente, menos a greve, que continuava sem solução, dada a intransigência das partes em dissídio.

Foi então que soubemos, com surpresa e pesar, que havia sido quebrado o sigilo prometido por nossos colegas, os quais levaram o nosso memorial ao Fórum e fizeram reconhecer em Cartório as firmas que ali havíamos apostado.

Em face do ocorrido, é provável, quase certo que o Prof. Tolbecq tenha tomado conhecimento da nossa atitude contra ele; mas a verdade é que não usou de represálias contra nós. Perante ele fizemos os exames práticos que haviam sido programados, sendo todos nós aprovados.

O Instituto esteve fechado desde fins de maio até 13 de agosto de 1917, quando reabriu as suas portas para professores e alunos, que retornaram a seus postos, entregando-se de novo ao trabalho ativo dos cursos teóricos e práticos.

Com o fechamento do Instituto muitos alunos se dispersaram; outros procuraram até novas escolas, nas quais pudessem prosseguir nos estudos interrompidos.

Embora retornassem ao Instituto, o ano letivo de 1917 estava perdido para todos os alunos, que tiveram de repeti-lo em 1918.

Foi por isso que os engenheirandos do 3º ano, que deveriam terminar o curso em 1917, só se diplomaram no fim de 1918.

José Ernani de Lima (T 1917)

NOTAS SOBRE O AUTOR DO TEXTO

O itajubense José Ernani de Lima formou-se na primeira turma do IEMI, em 1917. Como primeiro aluno da turma foi agraciado com uma viagem de estudos e trabalho nos Estados Unidos. Declinou do convite para se casar com sua prima Maria Amélia de Lima. Em seu lugar viajou o segundo colocado da turma, José Rodrigues Seabra.

Durante toda a sua vida estudantil e profissional foi um cronista que manteve longa colaboração com a imprensa itajubense, tornando-se, também, um notável memorialista

Em 1918 foi trabalhar como engenheiro na Estrada de Ferro Oeste de Minas.

A partir de 1919 e até 1957 foi professor de Desenho e de Matemática na Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz, que depois passou a se chamar Escola Técnica Nacional, no Rio de Janeiro.

No período de 1935 a 1956 lecionou Português e Matemática no Colégio Santo Inácio e, de 1935 a 1937, professor de Eletrotécnica na Escola Visconde de Cairu, também no Rio de Janeiro.

Paralelamente às suas funções de professor trabalhou como engenheiro nas empresas S. Lara & Cia., Prado Lopes & Cia. e SKF do Brasil.

No campo industrial fundou e instalou a Fábrica de gaxetas São José e a Cordoaria Guanabara. No campo comercial, ao obter da Empresa Águas de Lambari a concessão para o fornecimento de água mineral no Rio de Janeiro e Niterói, instalou a firma Águas Virtuosas Ltda.

Em novembro de 2008, Carlos Alberto Silva (T 1966) publicou o livro "José Ernani de Lima - Um engenheiro na história e nas letras de Itajubá", com a seleção de suas crônicas, cartas e discursos, escritos de 1913 a 1986

O artigo publicado neste Boletim Informativo é uma transcrição das páginas 70 a 72 deste livro, o qual pode ser adquirido na Secretaria da FTS e da AD-UNIFEI, na rua Cel. Rennó no. 7, em Itajubá. Contatos pelo tel. (35) 3622 4450, e-mail ad-unifei@itacabo.com.br